



José Luís Oliveira

O DOUTOR ENGENHEIRO



O DOUTOR ENGENHEIRO



CEL
Centro de
Estudos
em Letras

FCT
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

utad

2018

VILA REAL — M M XVIII

José Luís Oliveira

O DOUTOR ENGENHEIRO

VILA REAL • MMXVIII

TÍTULO: O Doutor Engenheiro

TÍTULO ORIGINAL: Le Bourgeois Gentlehomme (de Molière)

PRÓLOGO, TRADUÇÃO, ADAPTAÇÃO, DRAMATURGIA E ENCENAÇÃO: José Luís Oliveira

MÚSICA ORIGINAL: Ricardo Fráguas

DIREÇÃO VOCAL: Bel Viana

DESENHO DE LUZ: Pedro Pires Cabral

DESIGN GRÁFICO: Susana de Figueiredo

INTERPRETAÇÃO: Alunos finalistas do curso de Teatro e Artes Performativas da UTAD: Carolina Teixeira, Catarina Malheiro, Eduarda Alves, Inês de Castro, Mariana Mateus, Marlene Pinheiro, Mónica Ferreira, Patrícia Saraiva, Patrícia Varela, Pedro Brito, Pedro Teixeira, Rita Correia, Rui Duarte, Rui Moura, Sérgio Oliveira

EDIÇÃO: Centro de Estudos em Letras, UTAD, Vila Real, Portugal

e-ISBN: 978-989-704-265-2

DATA: maio de 2018

O DOUTOR ENGENHEIRO

Índice

Processo de concepção e criação artísticas d' <i>O Doutor Engenheiro</i>	5
O texto.....	5
A encenação	6
Os elementos cénicos.....	9
A representação	11
Referências.....	11
<i>O Doutor Engenheiro</i>	13

Processo de conceção e criação artísticas d' *O Doutor Engenheiro*

O texto

A obra dramática *O Doutor Engenheiro* resultou da tradução e livre adaptação de “Le Bourgeois gentilhomme” (Molière 1985) de Molière (1622-1673), da autoria de José Luís Oliveira (1971-). Esta adaptação teve como propósito um trabalho académico, integrado na Unidade Curricular do Exercício Público de Interpretação, do curso de Teatro e Artes Performativas (TAP), da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. O texto foi, assim, concebido com o foco na criação de uma narrativa que contivesse um número suficiente de personagens ativas, a distribuir pelo elenco composto pelos alunos finalistas do ano de 2018, do curso de TAP.

A adaptação da obra clássica obrigava, agora, à estruturação da nova peça de teatro, tendo em conta cada pormenor, cada palavra a serem interpretados por aquele grupo de jovens atores. Seguiu-se, portanto, o princípio de criação do comediógrafo francês, em que

Nenhuma frase ou réplica saía da cabeça de Molière sem que este estivesse já a antever a forma como ela deveria ser dita ou interpretada, e isso aprendeu-o com Fiorelli e consigo mesmo através das múltiplas personagens que ele próprio encarnou: Esganarelo, Dandin, Harpagão, Arnolphe, Alceste, Pourceaugnac, e tantos outros (Peixoto 2006: 148).

Partiu-se, deste modo, da referida peça de teatro do mestre francês, seguindo a premissa Aristotélica, que advogava que “o enredo é o princípio (...) e em segundo lugar vêm, então, os caracteres” (Aristóteles 2007: 50). Ora, na narrativa Molieriana, havia, pois, espaço para encaixar e renovar personagens e, ainda, trazer a história para a contemporaneidade.

No original de Molière, Mr. Jourdain é um burguês, que pretende ascender à aristocracia, contratando para o efeito professores de música, esgrima, filosofia, etc. Em *O Doutor Engenheiro*, o Senhor Jordão procura obter um ou mais títulos académicos, recorrendo, para isso, a professores corruptíveis, que irão aproveitar-se da riqueza e ingenuidade do

“discente”. A personagem principal (livremente inspirada nos empresários do calçado e têxtil do norte de Portugal), aspira poder vir a ser licenciado. Para tal, vai “comprando” aos professores as equivalências necessárias, eximindo-se, assim, a ter de estudar. Mas, entretanto, entre muitas peripécias, o Senhor Jordão, não se contenta com um simples título de licenciado, passando a ser designado como Doutor Engenheiro.

Pelo meio, personagens como a da atriz, do Presidente ou da Maestrina, vêm fazer uma espécie de interlúdio, um separador. Mas é ao mesmo tempo um ampliador cómico do tema do enredo principal. Estes interlúdios aparecem sob a forma de poemas, para serem musicados e cantados. Nesta obra de teatro, tem igual valor “o que se diz”, tal qual “como se diz”. E, para que a comédia funcione são necessários os elementos certos na dose certa; o tempo, o ritmo, a forma e a fisicalidade das interpretações.

A encenação

O espetáculo assenta, numa primeira linha, sobre o trabalho da máscara da *Commedia Dell'Arte* (Molinari 2010). Com esta proposta de encenação, pretendeu-se, também, fazer uma homenagem ao mestre francês, que fora influenciado por este género de comédia italiana. Na *Commedia* os atores exploram “contorções, rictus, caretas, comportamentos burlescos e clownescos, intermináveis jogos de cena são seus ingredientes básicos” (Pavis 2005: 226).

Em *O Doutor Engenheiro* todas as contracenas e restantes interpretações são viradas para o público. As personagens assistem ao diálogo do outro, olhando para ele, respondendo e reagindo para frente. Cada expressão facial e/ou física é ampliada, proporcionando ao espectador uma maior leitura do carácter das figuras que estão a contracenar e conseqüentemente do enredo da cena.

A caracterização dos rostos das personagens limitou-se a marcar os contornos dos olhos, do nariz e da boca, numa inspiração da maquilhagem usada pelo próprio Molière, que “no papel de Sganarello, simplesmente escurecia suas sobrancelhas e bigode” (Berthold 2005: 352).

Todavia, a posta em cena deste espetáculo não segue a estrutura clássica do teatro barroco, com os seus maneirismos, formas de representar e de cantar. Vai para lá destes códigos, ao encontro de um teatro bruto, com “o cartaz, a alusão aos acontecimentos do momento (...) o jogo de contrastes, o atalho do exagero, os narizes postiços” (Brook 2008: 93). Cada personagem apresenta características físicas e vocais muito particulares, em função da idade, classe social ou índole. Estas peculiaridades são tanto mais necessárias pelo facto de alguns atores interpretarem dois papéis. As personagens deveriam, ainda, ser totalmente distintas, não apenas na sua aparência física e vocal, mas também no ritmo empregue na interpretação do texto, como na atitude e dinâmica físicas.

A encenação segue, deste modo, uma linha estética contemporânea, com recurso ao minimalismo, que reduz “ao máximo seus efeitos, suas representações, suas ações, como se o essencial residisse naquilo que não é *dito*” (Pavis 2005: 392). Aqui o mais ínfimo pormenor (esgares, movimento das mãos) é exacerbado com a incidência dos recortes de luz, definidos para cada momento. Nesta proposta artística, o princípio que compreende o código “fala – movimento / movimento – fala”, é apenas o mote para o todo do espetáculo. Esta encenação exigiu, assim, aos atores a atenção ao texto, ao movimento, aos tempos da luz, do som e, em especial, ao ritmo de cada segundo da cena.

Os quadros são, em algumas passagens, divididos em dois planos, que se verificam no corte longitudinal, decorrendo um plano do lado esquerdo e o outro do lado direito. Outras acontecem em plano subido, com deslocações de outras personagens em corredores de luz, atrás do quadro principal que decorre, em simultâneo, à frente, junto à boca de cena.

O espetáculo começa com a cortina de boca aberta. Surge um corredor de luz, em simultâneo com um introito musical, por onde entram, por uma das pernas, os atores em fila, da direita para a esquerda, uns atrás dos outros. Passando a perna, viram a cabeça, olhando para o público, continuando a sua marcha. Um dos atores traz uma atriz escanchada à volta da cintura dele. Ao chegarem às posições, o ator que trazia a atriz ao colo, param todos e sorriem para a frente, com a expressão facial da personagem que interpretarão. Entra a maestrina,

pela perna da frente, em relação aos atores, pelo mesmo lado do palco. Chegando ao centro de cena, faz uma vénia. Vira-se para os atores, de costas para o público, bate três vezes com o tacão do sapato no chão (aludindo às três pancadas de Molière). Os atores, que ainda estavam de perfil, viram-se para a frente e desmancham o esgar do rosto. A maestrina tira do bolso um diapasão, bate no tacão, aproxima-a do ouvido e pronuncia vocalmente a nota LA em “A”. Os atores repetem, subindo LA – SI – DO – LA. Finalizando isto, a maestrina vira-se de novo para a frente e agradece, com uma vénia. Avança para a esquerda, posiciona-se ao lado do primeiro da fila, estica o braço para os atores e pede aplausos. Os atores fazem, igualmente uma vénia. Saem todos, metade para a esquerda e a outra metade para a direita. A cortina de boca fecha. Pelo meio da cortina sai uma das atrizes a mandar o público embora, pois o espetáculo acabara, convencionando, com isto, o código de que se trata de uma comédia. Após a reentrada da atriz na cena, a cortina reabre e o espetáculo continua. Mantém-se o corredor de luz, agora com quatro lâmpadas acesas sobre o piano de cauda. Sentado ao piano, a personagem do músico toca clusters no piano e a professora de música toca as notas sol – sib – fa – la no violino, em pizzicato. A partir daqui surgem as várias personagens da peça, com as características físicas e vocais bem definidas. Todos os interlúdios que aparecem na peça tiveram composição musical original, interpretados ao vivo pelos alunos.

Nesta posta em cena foram encontradas diversas dinâmicas, para delimitar o espaço e o tempo, criando com isto, ritmos e, por sua vez o cômico da situação. Cada cena terá, assim, um ambiente de luz, fisicalidade e exercício vocal particulares: Um ator marca o ritmo com palmas, que não é o ritmo certo para a atriz dizer de forma silabada “a carteira abarrotada, a cabeça idiota”. Para isso, pega nas mãos do ator e imprime-lhe o tempo correto. Entretanto, no lado oposto do palco os outros atores fazem movimentos “conceptuais”. A Presidente entra pela plateia, sendo rodeada pelas outras personagens da peça, que estão em cena. A Professora de Filosofia manda entrar seis ajudantes com cartazes, com as seguintes inscrições, por tabuleta: *Bela doutora | os vossos | belos olhos | fazem-me | morrer | de amor*. Os ajudantes vão trocando entre eles, por forma a construir e ajustar a frase em função de como a

Professora de Filosofia a pronuncia. No final, os seis colocam-se na ordem inicial como havia sido sugerida pelo Senhor Jordão e cada um lê a sua inscrição, formando a frase completa. A cena dos dois casais de jovens apaixonados, Lucília — Cleonte, Nicoleta — Covilhete, é interpretado em fila, vendo-se somente a primeira personagem. Os restantes vão espreitando, ora de um lado, ora do outro, à medida que contracenam. No banquete, Sicrano lança os pratos (como se fosse um *frisbee*) e os copos aos outros três, Senhor Jordão, Dorante e Dorimena. O banquete é sugerido através da música “Licoroso”, iniciada por Dorante, que vai nomeando os pratos que seriam servidos. Os convidados continuam a canção, enquanto um artista de circo, faz malabarismo com arcos. O Senhor Jordão vai tentar, também, fazer malabarismo, mas deixa cair os arcos. Na cena do Mufti todos os turcos circundam o Senhor Jordão, obrigando-o a baixar-se, para depois o coroarem com os vasos de flores brancos, ficando este com uma torre de vasos na cabeça. Depois de tudo resolvido e cada um ficar com o seu par, faz-se uma festa, onde os vários casais dançam. Por fim, na cena Final, já despedidos das personagens entram dois a dois, um pela esquerda e o outro pela direita alta, encontrando-se no centro alto. Trazem na mão *flutes* com espumante. Daí descem até à boca de cena, abrem para a esquerda e para a direita. Sucedem-se estes movimentos até ao último ator, o que interpretara o Senhor Jordão que, em vez de *flute*, traz na mão, a garrafa.

Os elementos cénicos

No que concerne ao espaço cénico, a encenação compreendia uma estética minimalista. E, neste sentido, a proposta para a cena excluiu uma cenografia propriamente dita, tendo sido usados unicamente alguns elementos cénicos que enquadrassem todas as cenas da peça, em complemento com o desenho de luz.

Assim sendo, como elemento principal foram usadas uma série de cruzetas pretas (planas), com um *design* contemporâneo, que foram penduradas atrás, junto ao ciclorama. À frente deste, foi colocada uma cortina de tule preta, a toda a dimensão do palco. Lateralmente, de um lado e do outro, entre as pernas foram montadas duas torres, com vários projetores de recorte, que produziam o efeito 3D sobre as cruzetas pretas, tornando-se brancas, em alguns momentos.

Do lado esquerdo um imponente piano de cauda e, sobre ele quatro grandes lâmpadas LED, com o formato das antigas incandescentes, mas de tamanho exagerado. Esta proposta de iluminação inspirou-se nos castiçais que, noutras épocas, eram colocados sobre os pianos para dar luz, não só ao pianista, mas para ajudar a iluminar a cena. Aqui servia para definir as cenas dos professores de música e canto e criar ambientes noutras cenas. Serviu, ainda, para realçar a cena da música “O dinheiro manda”, em que a personagem da maestrina, sob uma luz ténue, canta o tema.

E, cada personagem, por sua vez, far-se-á acompanhar de um adereço, correspondente com as suas características. Assim:

No início o Senhor Jordão tem como adereço uns óculos de sol, com armação branca. A Senhora Jordão uns óculos de ver, com uma armação de massa, enormes. O professor de música traz um violino e executado dois momentos musicais. O músico senta-se ao piano, toca duas ou três notas e fala sempre ao microfone. Para a cena do professor de tiro, foram usadas duas pistolas (de metal), para a demonstração da postura e tiro. A atriz que interpretará adiante a personagem Lucília, usa um microfone sem fios na cena “rico pobre”. O alfaiate e os ajudantes trazem consigo um *charriot* com rodas, onde vem pendurado o fato (invisível) de doutor do Senhor Jordão. A maestrina para cantar a música “O dinheiro manda”, qual cantora lírica, faz-se acompanhar de uma sombrinha chinesa, de cor amarela. A criada Nicoleta traz uma coroa de malaguetas na cabeça. Cleonte traz sempre consigo um espelho e, depois disfarçado de filho do embaixador turco, um vaso de flores branco na cabeça. Mufti e os restantes turcos trazem, igualmente, vasos de flores brancos na cabeça. Lucília, um leque branco. Covilhete, um regador vermelho ao pescoço e, a seguir disfarçado de tradutor do embaixador turco, uma bengala e um chapéu preto. Dorimena, um enorme anel de diamantes. Dorante, um jogo de cinco lenços de mão brancos, atados em comprimento. Sicrano, pratos plásticos brancos e copos plásticos transparentes. No final, os atores trazem *flutes* com espumante e o ator que fizera de Senhor Jordão traz a garrafa na mão.

A Representação¹

Tradução, Adaptação e Encenação José Luís Oliveira

Música Original Ricardo Fráguas

Direção Vocal Bel Viana

Desenho de Luz Pedro Pires Cabral

Grafismo Susana de Figueiredo

Intérpretes e Personagens (por ordem alfabética)

Carolina Teixeira | Professora de dança / Alfaiate

Catarina Malheiro | Presidente

Eduarda Alves | Nicoleta

Inês de Castro | Senhora Jordão

Mariana Mateus | Professora de tiro / Mufti

Marlene Pinheiro | Professora de dança / Alfaiate

Mónica Ferreira | Professora de filosofia / Dorimena

Patrícia Saraiva | Maestrina

Patrícia Varela | Professora de música / Sicrano

Pedro Brito | Dorante

Pedro Teixeira | Cleonte

Rita Correia | Lucília

Rui Duarte | Músico / Alfaiate

Rui Moura | Covilhete

Sérgio Oliveira | Senhor Jordão

Referências

Aristóteles (2007): *Poética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Berthold, Margot (2005): *História Mundial do Teatro*. São Paulo: Editora Perspectiva.

Brook, Peter (2008): *O Espaço vazio*. Lisboa: Orfeu Negro.

Molière (1985): *Le Bourgeois gentilhomme*. Paris: Editora Le Livre de Poche.

Molinari, Cesare (2010): *História do Teatro*. Lisboa: Edições 70.

Pavis, Patrice (2005): *Dicionário de Teatro*. São Paulo: Editora Perspectiva.

Peixoto, Fernando (2006): *História do Teatro Europeu*. Lisboa: Edições Sílabo.

José Luís Oliveira

¹ *O Doutor Engenheiro* foi representado no Teatro de Vila Real, no dia 15 de maio de 2018, pelos alunos finalistas do curso de Teatro e Artes Performativas da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

O Doutor Engenheiro

INTROITO

MÚSICA 1 – Abertura (instrumental)

(Entram os atores em fila e olham de perfil para o público. Param e esboçam uma expressão facial. Entra a maestrina, agradece ao público. Vira-se para trás, para os atores e bate com o guarda-chuva 3 pancadas. Os atores desmancham a expressão facial e viram para a frente. A maestrina com um diapasão dá a nota em LA. Os atores imitam, subindo LA – SI – DO – LA, em crescendo, seguindo as instruções da maestrina. Terminam. A maestrina vira-se para a frente e agradece. Desloca-se para a EB e pede aplausos para os atores. Saem)

CENA 1

(Entram os professores de música. O primeiro toca clusters no piano e o segundo toca as notas sol – sib – fa – la no violino, em pizzicato)

Professora de música: *(ao discípulo)* Já acabaste?

Músico: Sim, já.

Professora de música: Deixa ver. *(gesticula o andamento. Para o discípulo)* Está muito bem.

(Entram as professoras de dança)

Professora de dança: Uma coisa nova?

Professora de música: Sim. É a música para uma serenata, que mandei compor para ele.

Professora de dança: Posso ver?

Professora de música: Vais ouvi-la quando ele chegar.

Professora de dança: Temos muito trabalho pela frente.

Professora de música: Saiu-nos a sorte grande. Com a mania que ele tem de querer ser doutor... Era bom para a tua dança e para a minha música que houvesse muitos tolos como ele.

Professora de dança: Mas, seja qual for a arte, não há nada mais triste do que criar para tolos, ou estar sujeito à apreciação de estúpidos. Não há como trabalhar para um público capaz de apreciar a delicadeza da arte. E a recompensa mais agradável que podemos receber, é ver as nossas obras reconhecidas e receber aplausos.

Professora de música: Isso é tudo muito bonito. Mas não se vive de ar e vento. É preciso que os aplausos venham acompanhados do sólido. É verdade que ele tem pouca formação e que é um bronco, sem critérios. Mas, o dinheiro dele corrige essa falta. Há critério na carteira dele.

Professora de dança: Tens razão. Mas o dinheiro é uma coisa tão fútil, que o verdadeiro artista não deve apegar-se tanto a ele.

Professora de música: (*sarcástico*) É, está bem. Mas tu bem aceitas o dinheiro que ele te dá.

Professora de dança: Aceito. Mas não fico satisfeito. É como dar pérolas a porcos. Eu gostaria de conseguir que ele aprendesse a ter gosto.

Professora de música: Também eu e, é com esse fim que trabalhamos; formar o gosto para as artes. E, ele paga, não paga? Com esse dinheiro vamos conseguir produzir o nosso espetáculo conceptual multidisciplinar e tornar-nos famosos.

CENA 2

(*Entra, num impulso, o senhor Jordão*)

Senhor Jordão: Então, meus senhores. Querem mostrar-me a vossa

palhaçada?

Professora de dança: Palhaçada? Que palhaçada?

Senhor Jordão: Como é que chamam a isso? O vosso prólogo ou diálogo que se canta e se dança.

Professora de dança: É dança e música conceptual.

(As professoras indignadas vão para sair)

Senhor Jordão: Peço-lhes a ambas o favor de não se irem embora antes de chegar o fato que me vão trazer.

Professora de dança: Tudo o que Vossa Excelência quiser.

Senhor Jordão: Hão de ver-me dos pés à cabeça, como nunca me viram.

Professora de música: Com muito gosto.

Senhor Jordão: *(gritando)* Sicrano, Beltrano.

Sicrano e Beltrano: *(entrando)* Sim, senhor? O que deseja?

Senhor Jordão: Nada. Era para ver se me ouviam bem. *(manda-os sair com um gesto de mão. Eles saem. Chama de novo)* Sicrano!

Sicrano: Sim, senhor? O que deseja?

Senhor Jordão: Tu quem és?

Sicrano: Sou Sicrano, senhor?

Senhor Jordão: Então vai chamar o Beltrano.

(Sicrano sai. Entra Beltrano. NB: A atriz que faz de Sicrano é a mesma que interpreta Beltrano)

Beltrano: Sim, senhor? O que deseja?

Senhor Jordão: A minha cadeira. Onde é que está o outro?

Beltrano: O senhor mandou-o chamar-me.

Senhor Jordão: Eu quero os dois aqui.

(Beltrano sai. Entram os dois. Formam uma cadeira de braços. O senhor Jordão senta-se)

Professora de música: Se me dá licença, senhor Jordão, gostaria de lhe apresentar a música para a serenata que me encomendou.

CENA 3

(As professoras de música executam a obra da Cena 1, mas substituindo os clusters por percussão e o pizzicato no violino, por pizzicato na voz)

Senhor Jordão: Essa música é muito lenta. Dá sono. Não seria mais bonita se lhe desse uma nota alegre aqui ou ali?

Professora de música: É conceptual. A música está em harmonia com a letra.

Senhor Jordão: O outro dia ouvi uma canção muito bonita. Como é que era? Ah! Já sei. *(canta)*

MÚSICA 2 – Barreiros

*Menina, como é que vais?
Que prazer, dá cá um beijo
E a família lá em casa?
Há muito que eu não os vejo.*

*E os animais lá da quinta,
Conta-me como é que vai,
A égua da tua mãe e o cavalo do teu pai?
A égua da tua mãe e o cavalo do teu pai?*

Então, não é bonita?

Professora de música: Muito bonita.

Professora de dança: (*irónico*) E que bem que o senhor a canta.

Senhor Jordão: E sem saber música.

Professora de música: O senhor Jordão deveria aprender música e dança. São duas artes com uma estreita ligação.

Professora de dança: E que abrem o espírito do homem ao que é belo.

Senhor Jordão: Os doutores também aprendem música?

Professora de música: Sim, senhor.

Senhor Jordão: Então, também podem dar-me equivalência?!

Professora de música: Podemos.

Professora de dança: (*para o Professora de música*) Não sei onde é que vamos arranjar tantos créditos. O processo de creditação de competências profissionais não é fácil.

Professora de música: (*para o Professora de música*) O dinheiro compra tudo.

Professora de dança: (*para o senhor Jordão*) Deve é, pelo menos, saber os conceitos básicos.

Senhor Jordão: Também já tratei com um Professora de tiro e com outro de filosofia.

Professora de música: Muito bem, a filosofia é importante, mas a música, senhor, a música...

Professora de dança: A música e a dança... Música e dança, é quanto basta.

Professora de música: Não há nada mais útil do que a música.

Professora de dança: Sem a dança um homem não pode fazer nada.

Professora de música: Todas as desgraças da humanidade, todas as guerras de que a História abunda, todos os disparates dos políticos, todos os erros provêm de não terem estudado música.

Senhor Jordão: Como assim?

Professora de música: Não provém a guerra da falta de acordo entre os homens?

Senhor Jordão: Isso é verdade.

Professora de música: Ora, se todos os homens soubessem música, não poderiam estar todos acordes e, não viria daí a paz universal?

Senhor Jordão: Tem razão.

Professora de dança: Quando um homem comete um erro, no seu procedimento, nos assuntos de família, na governação do Estado, ou no comando de um exército, não se diz: Fulano deu um passo em falso?

Senhor Jordão: Por acaso diz.

Professora de dança: E de quê, senão de não saber dançar, é que se dão passos em falso?

Senhor Jordão: Lá isso é verdade. Ambos têm razão.

Professora de dança: Quer ver agora o meu trabalho coreográfico?

Senhor Jordão: Sim, quero.

Professora de dança: É um pequeno estudo das atitudes e dos movimentos mais belos com que se pode apresentar uma dança variada.

CENA 4

(Os atores/bailarinos dançam a coreografia de dança conceptual ao som das vozes do coro. Um a um, os bailarinos, entram no espaço/recorte

executando os seus movimentos. Atriz com microfone diz o texto e ator executa percussão com palmas)

Rico Pobre

*Rico pobre
Ignorante
Pobre rico
Abundante*

*A carteira
Abarrota
A cabeça
Idiota*

CENA 5

(O senhor Jordão repete a coreografia da cena anterior)

Senhor Jordão: Que tal? Já me podem dar equivalência à música e à dança?

Professora de dança: *(olhando de soslaio para o Professor de música e encolhendo os ombros)* Sim. Não está mau de todo.

Senhor Jordão: A propósito. Faça o favor de me ensinar como é que se faz uma cortesia para cumprimentar uma doutora.

Professora de dança: Uma cortesia para cumprimentar uma doutora?

Senhor Jordão: Sim, senhor. Uma senhora que se chama, doutora Dorimena. **Professora de dança:** Dê cá a mão.

Senhor Jordão: Não é preciso. Faça-a, que eu cá aprendo.

Professora de dança: Se a quiser cumprimentar muito respeitosamente, deve primeiro fazer uma reverência para trás, depois ir caminhando para ela com três reverências para diante, baixando-se à última até à altura dos

joelhos dela.

Senhor Jordão: Ora, faça lá. (*vê*) Já sei.

CENA 6

Beltrano: Senhor, está lá fora a Professora de tiro.

Senhor Jordão: Manda-a entrar para despacharmos isto.

Professora de tiro: (*entrando*) Vamos, senhor, os cumprimentos. O corpo direito; um tanto caído na coxa esquerda. Não abra tanto as pernas. Os pés na mesma linha. O punho oposto à anca. A ponta da arma à altura do ombro. Não estique tanto o braço. A cabeça direita. O olhar firme. Firme com o corpo. Respire. Firme. Um! Dois!

Professora de música: Muito bem.

Professora de tiro: É aqui que se vê a importância das armas, mas também que a ciência das armas está acima de todas as outras ciências inúteis, como a música e a dança.

Professora de dança: Alto lá. Respeitinho quando falar da dança.

Professora de música: Deve aprender a tratar a excelência da música.

Professora de tiro: Querem comparar as vossas ciências com a minha!?

Professora de música: Que grande pretensiosa, ó pistoleira.

Professora de dança: Vejam só a sobrançeria deste bicho raro.

Professora de tiro: Parece-me que tenho de os fazer cantar e dançar, ó gémeos siameses.

Professora de música: Venha cá que eu lhe ensino o ofício.

Professora de dança: Se lhe caio em cima!... (*avança para ele*)

(O Senhor Jordão mete-se no meio)

Senhor Jordão: Devagar!

Professora de dança: Rebento-o.

Senhor Jordão: Devagar!

Professora de música: Se lhe ponho a mão!...

Senhor Jordão: Devagar!

Professora de música: *(ao Senhor Jordão)* Deixe-nos ensiná-lo a falar!...

CENA 7

(Entra a Professora de filosofia)

Senhor Jordão: Olá, senhora filósofa, não podia vir em melhor hora com a sua filosofia. Por favor, restabeleça a paz entre estes senhores.

Professora de filosofia: Então o que é isto, meus senhores?

Professora de tiro: Eles têm a audácia de comparar as profissões deles com a minha.

Professora de filosofia: E isso é motivo para se exaltar? O que nos distingue uns dos outros é o saber e a virtude.

Professora de dança: Eu sustento que a dança é uma ciência para a qual todas as honras são poucas.

Professora de música: Eu defendo que a música é outra ciência que tem sido reverenciada ao longo dos séculos.

Professora de tiro: E eu afirmo que as armas de fogo são a ciência mais bela e necessária de todas elas.

Professora de filosofia: E então a filosofia? Acho uma enorme arrogância chamarem ciência a coisas que nem sequer merecem o nome de arte e, que só podem receber o título de ofício miserável.

MÚSICA 3 – Seu burro

(Os atores que interpretam a Professora de música, o Músico, as Professoras de dança e a Professora de tiro fazem um jogo em câmara lenta física e vocal de encontro à professora de Filosofia)

Os cinco: Anda cá, sua pedante, sua filósofa da treta, sua hipócrita!...

(O Senhor Jordão mete-se no meio. Aparece um provocador com um telemóvel a filmar e a publicar no Instagram.)

Senhor Jordão: Meus senhores.

Professora de filosofia: Pelintras, vadios, impostores!

Os outros três: Seu urso, seu camelo, seu burro!

Professora de filosofia: Impudentes, tratantes, insolentes!

(O Senhor Jordão dispara. O som é produzido por um idiofone de madeira, percutido pela Maestrina. Todos se detêm)

CENA 8

(Entra a Presidente, vinda da plateia, distribuindo beijinhos por toda a gente)

Presidente: Temos de ser como fomos sempre ao longo da nossa História, nos instantes cruciais das grandes aventuras, dos grandes riscos, das grandes catástrofes, dos grandes encontros, com essa História. Esta é a palavra de ordem que vem do povo, deste povo, do mais sofrido, do mais sacrificado, do mais abnegado. Vem do que ele pensa, do que ele sente, do que ele faz. É por isso que mais do que nunca acredito...

CENA 9

Professora de filosofia: Senhor Jordão, vamos à nossa lição. Quer que lhe ensine lógica?

Senhor Jordão: E o que é isso da lógica?

Professora de filosofia: É a que ensina as três operações do espírito.

Senhor Jordão: E quais são essas três operações?

Professora de filosofia: São a primeira, a segunda e a terceira. A primeira, é conceber bem por meio dos termos gerais chamados universais; a segunda, julgar bem por meio das categorias; e a terceira, saber tirar bem uma consequência por meio das figuras: *Barbara, Celarent, Darii, Ferio, Baralipon*.

Senhor Jordão: Ui, ui, ui, que palavrões. Essa lógica não me agrada. Ensine-me outra coisa mais bonita.

Professora de filosofia: Passemos, então, ao conhecimento exato das letras e ao modo diferente de as pronunciar. Nesse intuito, devo dizer-lhe que as letras se dividem em vogais, porque exprimem vozes; e em consoantes, assim chamadas con-soantes, porque soam com as vogais e, só servem para indicar as diversas articulações das vozes. Há cinco vogais, ou vozes: A, E, I, O, U.

Senhor Jordão: Ah! Isso já entendo.

Professora de filosofia: A voz A forma-se abrindo muito a boca: A.

Senhor Jordão: A. A. É verdade!

Professora de filosofia: A voz E forma-se aproximando a maxila de baixo ligeiramente da de cima: A, E.

Senhor Jordão: A, E. A, E. Disto gosto eu.

Professora de filosofia: E a voz I aproximando ainda mais as duas maxilas e, fendendo os dois cantos da boca em direção às orelhas: A, E, I.

Senhor Jordão: A, E, I, I, I, I. Vivam as letras.

Professora de filosofia: A voz O forma-se separando as maxila e, aproximando os lábios, o de cima e o de baixo, pelos cantos: O.

Senhor Jordão: O, O. A, E, I, O, I, O. É isso. I, O. I, O.

Professora de filosofia: A voz U forma-se aproximando os dentes, sem se tocarem e, alongando os dois lábios para fora, aproximando-os um do outro, sem os juntar por completo: U.

Senhor Jordão: U, U. (*acena ao público*) U, U.

Professora de filosofia: Amanhã falaremos das outras letras; as consoantes. A consoante D, por exemplo, pronuncia-se dando com a ponta da língua no alto dos dentes de cima: DA.

Senhor Jordão: DA. DA. Pois dá.

Professora de filosofia: O F, apoiando os dentes de cima no lábio de baixo: FA.

Senhor Jordão: FA. FA. Uma farra.

Professora de filosofia: E o R, erguendo a ponta da língua até ao céu-da-boca, de modo que, roçada pelo ar que sai com força, cede e, volta sempre ao mesmo ponto, fazendo um tremido: R, RA.

Senhor Jordão: R, R, RA, R, R, RA, R, R, RA. Que rápido.

Professora de filosofia: E, por hoje chega.

Senhor Jordão: Mas, antes de ir, preciso da sua ajuda. Mas, segredo. Eu estou caído por uma senhora doutora e, precisava que me ajudasse a escrever-lhe alguma coisa num bilheteinho.

Professora de filosofia: São versos que lhe quer escrever?

Senhor Jordão: Não, nada de versos.

Professora de filosofia: Só prosa, então!?

Senhor Jordão: Não quero prosa nem verso.

Professora de filosofia: Ou é uma coisa ou outra.

Senhor Jordão: Porquê?

Professora de filosofia: Porque para nos exprimirmos só há a prosa ou o verso.

Senhor Jordão: Só há prosa ou verso?

Professora de filosofia: Só. Tudo o que não é prosa é verso e, tudo o que não é verso é prosa.

Senhor Jordão: Então, nós falamos como?

Professora de filosofia: Em prosa.

Senhor Jordão: Então quando eu digo: «Sicrano traz-me uma bebida! Com duas pedras!» (*Entra Sicrano a correr com um copo na mão, que dá ao senhor Jordão*) É prosa?

Professora de filosofia: É, sim senhor.

Senhor Jordão: Olha que esta. Então não é que tenho andado toda a vida a fazer prosa sem saber?! Eu queria agora que o senhor desse a volta a estas palavras: *Bela doutora, os vossos belos olhos fazem-me morrer de amor.*

Professora de filosofia: O senhor quer dizer-lhe que o fogo dos olhos dela

Ihe reduz o coração a cinzas; que dia e noite sofre por ela as violências...

Senhor Jordão: Não, não. Nada disso. Só quero o que Ihe disse: *Bela doutora, os vossos belos olhos fazem-me morrer de amor.*

Professora de filosofia: Mas é preciso esticar um pouco o texto.

Senhor Jordão: Já Ihe disse que não. Só quero estas palavras, mas moderno. Ora diga lá as diferentes maneiras em que se podem pôr.

CENA 9 A

(A Professora de Filosofia manda entrar seis ajudantes com cartazes, com as seguintes inscrições, por tabuleta: Bela doutora | os vossos | belos olhos | fazem-me | morrer | de amor. Os ajudantes vão trocando entre eles, por forma a construir e ajustar a frase em função de como a Professora de Filosofia a pronuncia. No final, os seis colocam-se na ordem inicial como havia sido sugerida pelo Senhor Jordão e cada um lê a sua inscrição, formando a frase completa)

Professora de filosofia: Em primeiro lugar como o senhor disse: *Bela doutora, os vossos belos olhos fazem-me morrer de amor.* Ou então: *De amor morrer me fazem, bela doutora, os vossos belos olhos.* Ou então: *Vossos olhos belos de amor me fazem, bela doutora, morrer.* Ou então: *Morrer vossos belos olhos, bela doutora, de amor me fazem.* Ou senão: *Fazem-me vossos belos olhos morrer, bela doutora, de amor.*

Senhor Jordão: E, de todas essas maneiras, qual é a melhor?

Professora de filosofia: A que o senhor disse: *Bela doutora, os vossos belos olhos fazem-me morrer de amor.*

CENA 10

Senhor Jordão: Então, o meu fato ainda não chegou?

Sicrano: Ainda não, senhor.

Senhor Jordão: Esse maldito alfaiate nunca mais chega. Estou desesperado. Diabos o levem.

CENA 10 A

(Entra o alfaiate com dois ajudantes)

Alfaiate: Desculpe, Senhor Jordão. Não pude vir mais cedo. Esta foi a obra mais difícil que eu executei até hoje. Primeiro estive a tecer o mais extraordinário tecido, da mais fina seda, um exclusivo para a sua pessoa. *(segredando-lhe)* Este magnífico tecido tem a característica única de ser invisível.

Senhor Jordão: Invisível?

Alfaiate: *(olhando em redor)* Chiu! Sim, invisível aos olhos de todos aqueles que não desempenhem bem as suas tarefas ou que sejam muito estúpidos.

Senhor Jordão: Não acredito.

Alfaiate: É verdade, Senhor Jordão. A grande dificuldade foi encontrar ajudantes merecedores deste encargo. Coloquei mais de vinte ajudantes ao serviço do seu fato e, o que é que aconteceu?

Senhor Jordão: Não sei.

Alfaiate: Os vários ajudantes não conseguiam ver o tecido, porque, ou não desempenhavam bem as suas tarefas, ou eram muito estúpidos. Só restaram estes dois. O tecido invisível foi concebido para a única pessoa digna de o contemplar; Vossa Excelência. *(para os ajudantes)* Vistam sua Excelência, como é costume vestir as pessoas de distinção.

Ajudantes: *(dançando e mimando que lhe vestem a roupa)* A perninha aqui, Vossa Excelência. Aqui a outra. Agora o bracinho. E o outro. Estas

roupas são leves como teias de aranha. Até parece que não se tem nada vestido. Mas aí é que está a beleza.

Alfaiate: É uma obra-prima ter inventado um fato de cerimónia que não fosse preto. *(para os ajudantes)* O espelho. O que acha, Vossa Excelência?

Senhor Jordão: *(para o público)* Não vejo nada. Que horror! Serei estúpido? *(para o alfaiate e os ajudantes)* Oh, é muito bonito!

Alfaiate: É o melhor, o mais bonito, o mais extraordinário fato que jamais foi visto.

Ajudantes: É esplendido! Soberbo! Excelente! *(para o público)* Repitam connosco: *É esplendido! Soberbo! Excelente!* Muito bem. Uma grande salva de palmas para os pategos aqui presentes.

(ao Senhor Jordão) Senhor doutor, dê-nos alguma coisinha para tomar um copo.

Senhor Jordão: Como é que me chamaram?

Ajudantes: Senhor doutor.

Senhor Jordão: Senhor doutor. Ora aí têm o que é vestirmo-nos com elegância.

(chama) Beltrano!

Beltrano: *(entrando)* Sim, senhor?

Senhor Jordão: Traz-me a minha bolsa. *(Beltrano sai)*

Beltrano: *(regressa)* Senhor, a sua bolsa.

Senhor Jordão: *(dando dinheiro aos ajudantes)* Tomem lá pelo Senhor doutor.

Ajudantes: Muitíssimo obrigado, Senhor Engenheiro.

Senhor Jordão: Senhor Engenheiro. Oh! Senhor Engenheiro! Senhor Engenheiro não é uma palavra qualquer. Tomem lá. *(dando mais dinheiro)* Aí têm o que Senhor Engenheiro lhes dá.

Ajudantes: Senhor Engenheiro, nós vamos beber à saúde do Senhor Ministro.

Senhor Jordão: Senhor Ministro. Oh! Oh! Oh! *(para o público)* Se vão até Presidente, deixam-me a bolsa vazia. *(para os ajudantes)* Tomem. Isto é pelo Senhor Ministro.

Ajudantes: Senhor Ministro, agradecemos imenso a vossa generosidade.

(saem todos menos o Senhor Jordão)

CENA 11

Senhor Jordão: Nicoleta!

Nicoleta: Que quer? *(apercebe-se da figura. Ri)* Hi! Hi! Hi!

Senhor Jordão: De que te ris?

Nicoleta: Hi! Hi! Hi!

Senhor Jordão: Que tem esta desavergonhada?

Nicoleta: Hi! Hi! Hi!

Senhor Jordão: Estás a gozar comigo?

Nicoleta: Hi! Hi! Hi!

Senhor Jordão: Se continuas a rir levas nas ventas.

Nicoleta: Hi! Hi! Hi!

Senhor Jordão: Paras ou não?

Nicoleta: Hi! Hi! Hi!

Senhor Jordão: Olha que tu levas.

Nicoleta: Desculpe, mas está tão engraçado. Hi! Hi! Hi!

Senhor Jordão: Ai, a brincadeira.

Nicoleta: Desculpe. Hi! Hi! Hi!

Senhor Jordão: Vais levar.

Nicoleta: Está bem. Já não rio mais.

Senhor Jordão: Quero que limpes...

Nicoleta: (*baixinho*) Hi! Hi! Hi!

Senhor Jordão: Bem limpa...

Nicoleta: (*baixinho*) Hi! Hi! Hi!

Senhor Jordão: A sala...

Nicoleta: (*baixinho*) Hi! Hi! Hi!

Senhor Jordão: Tu não te calas?!

Nicoleta: Bata-me, mas deixe-me rir à vontade. Prefiro isso. Hi! Hi! Hi!

Senhor Jordão: Já me estou a passar.

Nicoleta: Deixe-me rir, senão rebento!

Senhor Jordão: Já viram esta desavergonhada que vem rir-se nas minhas próprias barbas.

Nicoleta: O que quer, então?

Senhor Jordão: Quero, grande desavergonhada, que te ponhas a preparar a casa para hoje à noite, para os meus convidados da alta sociedade.

Nicoleta: Ah! Então acabou-se-me a vontade de rir. Os seus convidados

deixam a casa de tal maneira, que basta essa palavra; “sociedade” para me desesperar.

CENA 12

Senhora Jordão: O que é isto, meu marido? Queres que toda a gente se ria de ti?

Senhor Jordão: Só os tolos e as tolas, minha rica esposa, se poderão rir de mim.

Senhora Jordão: Olha que figurinha! (*reprovadora*) Essas tuas manias de grandeza... Já que queres ser doutor, porque é que não vais estudar?

Senhor Jordão: Para quê? Os professores que contratei dão-me equivalências.

Senhora Jordão: E passam-te o diploma ao domingo!?

Senhor Jordão: Oh. Está calada.

Senhora Jordão: Essas ideias foi aquele doutorzeco, do Dorante quem tas meteu na cabeça!?

Senhor Jordão: Cala-te. Ele é uma pessoa de muita importância, muito bem relacionado. Uma pessoa de hierarquia superior, que me chama “ilustríssimo” e que me trata como se eu fosse igual a ele.

Senhora Jordão: Trata-te muito bem, mas pede-te dinheiro emprestado.

Senhor Jordão: É o mínimo que posso fazer a um doutor deputado que me chama “ilustríssimo”.

Senhora Jordão: E o que é que faz esse doutor deputado por ti?

Senhor Jordão: Coisas de que todos ficariam pasmados se soubessem.

Senhora Jordão: Que coisas?

Senhor Jordão: Basta-te saber que, se lhe tenho emprestado dinheiro, não há de tardar muito que mo pague.

Senhora Jordão: Pois sim, espera por isso.

Senhor Jordão: Claro que espero. Foi o que ele me disse.

Senhora Jordão: Bem podes esperar sentado.

Senhor Jordão: Deu-me a sua palavra de honra.

Senhora Jordão: (*sarcástica*) Está bem, está. Palavra de político, é como o sebo no focinho dum cão.

CENA 13

(Entra o doutor Dorante)

Dorante: Ilustríssimo. Como tem passado o meu amigo?

Senhor Jordão: Muito bem, senhor.

Dorante: E a Senhora Jordão, como passa?

Senhora Jordão: A Senhora Jordão vai passando.

Dorante: (*admirado*) Mas, ilustríssimo, a sua roupa...

Senhor Jordão: (*para a mulher*) Vês, eu sabia. O senhor doutor deputado, Dorante, é uma pessoa muito culta. Consegue ver o meu fato.

Senhora Jordão: Qual fato?

Senhor Jordão: Eu já desconfiava, mas agora tive a certeza. Tu és mesmo estúpida. Só as pessoas que não sejam estúpidas é que conseguem ver este magnífico fato.

Dorante: *(falso)* Oh! Sim, sim. É algo nunca visto. Esse fato ajusta-se à sua pele como se fosse roupa interior. Vire-se, por favor. Mas, que elegante.

Senhora Jordão: Oh! Sim. Tolo pela frente e por detrás.

Dorante: O meu amigo é o homem que mais estimo neste mundo. *(noutro tom)* Ilustríssimo, o senhor tem-me emprestado dinheiro por várias vezes. Eu sou dos que gostam de pagar o mais depressa possível.

Senhor Jordão: *(para a mulher)* Vês?

Dorante: Lembra-se de todo o dinheiro que me emprestou?

Senhor Jordão: Acho que sim. Eu tomei nota. *(chama)* Sicrano!

Sicrano: Sim, senhor?

Senhor Jordão: Traz-me o meu caderno de registos. *(Sicrano sai e volta a entrar)*

Sicrano: Aqui está, senhor.

Senhor Jordão: *(Sicrano abre o caderno e Senhor Jordão lê)* De uma vez foram 2.630 euros.

Dorante: É verdade.

Senhor Jordão: De outra vez 1.580 euros.

Dorante: É isso.

Senhor Jordão: E de outra vez 1.840 euros.

Dorante: Está certo.

Senhor Jordão: As três parcelas somam 6.050 euros.

Dorante: É isso mesmo, 6.050 euros.

Senhor Jordão: Mais 1.830 euros para gravatas.

Dorante: Isso mesmo

Senhor Jordão: 2.780 euros para o alfaiate.

Dorante: Exato.

Senhor Jordão: 4.380 euros para o seu fornecedor.

Dorante: Sim, 4.380. Está muito bem.

Senhor Jordão: E 27.500 euros para o carro.

Dorante: Certíssimo. E quanto soma tudo isso?

Senhor Jordão: 42.540 euros.

Dorante: A soma está certa, 42.540 euros. Junte-lhe mais 2.460, que me vai dar agora e, o total serão 45.000, que lhe pagarei qualquer dia.

Senhora Jordão: *(para Senhor Jordão)* O que é que eu te disse?

Senhor Jordão: Fala baixo.

Dorante: Talvez o incomode mais um pedido destes?

Senhor Jordão: De modo nenhum.

Senhora Jordão: *(para Senhor Jordão)* Este homem é um chupista.

Senhor Jordão: Cala-te.

Dorante: Se o incomoda, vou buscá-lo a outro lugar.

Senhor Jordão: Não, senhor.

Senhora Jordão: *(para Senhor Jordão)* Enquanto não te arruinar, não descansa.

Senhor Jordão: Cala-te, por favor.

Dorante: Eu tenho muita gente que tem todo o gosto em emprestar-me, mas como o senhor é o meu melhor amigo, pensei que seria uma ofensa

para o senhor ir pedir a outro.

Senhor Jordão: É uma honra. (*chama*) Beltrano!

Beltrano: Sim, senhor?

Senhor Jordão: Traz-me o livro de cheques. (*Beltrano sai*)

Senhora Jordão: (*baixo a Senhor Jordão*) Ainda lhe vais dar mais?

Senhor Jordão: (*baixo*) O que queres lhe faça? Queres que recuse a um homem daquela qualidade?!

Senhora Jordão: És muito tolo.

Beltrano: (*regressando*) Aqui está, senhor.

(*O Senhor Jordão passa o cheque e entrega-o a Dorante*)

Senhor Jordão: Aqui tem, 2.460 euros.

Senhora Jordão: (*aborrecida*) Com licença. (*sai*)

Dorante: A bela doutora Dorimena vem cá logo ao jantar e ao bailado. Depois de muita insistência consegui convencê-la a aceitar o diamante que o senhor lhe deu.

Senhor Jordão: E o que é que ela achou do diamante?

Dorante: Maravilhoso. Ou muito me engano, ou a beleza daquela pedra vai fazê-la apaixonar-se pelo meu amigo.

Senhor Jordão: Acha mesmo?

Dorante: Ilustríssimo, o senhor sabe como acertar no coração das mulheres. As despesas que se fazem com elas, é o que mais as comove. Portanto, as serenatas, os ramos de flores, aquele esplêndido fogo-de-artifício aquático, o diamante, fala-lhe mais alto ao coração do que mil palavras.

Senhor Jordão: Para ficarmos à vontade, arranjei maneira de a minha

mulher ir jantar a casa da irmã dela.

Dorante: Muito bem engendrado, senhor Jordão.

CENA 14

MÚSICA 4 – O dinheiro manda

Maestrina:

*O dinheiro é quem manda;
Sem ele a pobre vida,
Já não anda, nem desanda,
É mais curta que comprida.*

*Engana o mais esperto,
Que com ele se deleita.
Vem outro d'olho aberto,
Do tolo se aproveita.*

*Todos querem neste mundo,
Num capricho derradeiro,
Passar a perna à morte,
Acenando com dinheiro.*

CENA 15

Senhora Jordão: Tu sabes que Cleonte está apaixonado pela minha filha.

Nicoleta: Ai, patroa. A sua filha gosta de Cleonte e eu do criado dele.

Senhora Jordão: Vai dizer a Cleonte que venha cá, que eu o ajudo a pedir a minha filha em casamento, ao meu marido.

CENA 16

(Entram Cleonte e Covilhete, que evitam Lucília e Nicoleta)

Lucília: *(contente)* Cleonte!

Nicoleta: Covilhete!

Cleonte: *(vira a cara a Lucília)*

Covilhete: *(vira a cara a Nicoleta)*

Lucília: O que é que tens, Cleonte?

Nicoleta: O que é que tens, Covilhete?

Lucília: Ficaste mudo, Cleonte?

Nicoleta: Perdeste a fala, Covilhete?

Cleonte: É preciso ser descarada, Lucília!

Covilhete: Nicoleta, sua traidora!

Lucília: O que é que se passa, Cleonte?

Nicoleta: Que bicho te mordeu, Covilhete?

Cleonte: Não quero saber nada.

Covilhete: Não quero ouvir nada.

Lucília: Ouve!

Cleonte: Nada.

Nicoleta: Deixa-me dizer-te.

Covilhete: Estou surdo.

Lucília: Cleonte!

Cleonte: Não!

Nicoleta: Covilhete!

Covilhete: Nada!

Lucília: Para!

Cleonte: Cantigas!

Nicoleta: Um momento.

Covilhete: Música!

Lucília: Só duas palavras.

Cleonte: Não, acabou-se.

Nicoleta: Uma palavra.

Covilhete: Adeus.

Lucília. Ai é? Ai não queres ouvir?

Nicoleta: Então não ouças.

Cleonte: Diz lá.

Lucília: Agora não digo.

Covilhete: Conta.

Nicoleta: Já não tenho nada para contar.

Cleonte: Oh, diz-me.

Lucília: Não, já não me apetece.

Covilhete: Conta-me.

Nicoleta: Agora não conto.

Cleonte: Por favor!

Lucília: Não, já disse.

Covilhete: Peço-te.

Nicoleta: Já disse que não.

Cleonte: Lucília!

Lucília: Não.

Covilhete: Nicoleta!

Nicoleta: Nada!

Cleonte: *(de joelhos)* Esclarece-me estas suspeitas.

Lucília: Nem uma palavra.

Covilhete: *(de joelhos)* Cura-me o espírito.

Nicoleta: Não quero.

Cleonte: Está bem. Vou para longe de ti morrer de pena e de amor.

Covilhete: E eu sigo os seus passos.

(Cleonte e Covilhete vão a sair)

Lucília: Cleonte!

Nicoleta: Covilhete!

Cleonte e Covilhete: Sim?

Lucília e Nicoleta: Aonde vais?

Cleonte e Covilhete: Vamos morrer.

Lucília: Pronto, eu conto. Ontem, eu e a Nicoleta passámos por vós e não

vos ligámos porque uma velha tia minha estava à espreita. É que e ela tem a mania que basta um homem aproximar-se para que uma rapariga perca a virgindade.

Nicoleta: Ora, aí está o segredo.

Cleonte e Covilhete: *(rindo)* A sério? Era isso?

Lucília e Nicoleta: É isso.

Cleonte e Covilhete: Ah! Como uma palavra da tua boca alivia este aperto que trazia no coração.

CENA 17

Cleonte: Senhor Jordão *(estica a mão para cumprimentá-lo. O senhor Jordão não corresponde. Cleonte começa a gaguejar)* Eu não quis encarregar ninguém de lhe fazer o pedido... há muito que penso nisto... interesse-me muito... *(decidido)* quero ser seu genro.

Senhor Jordão: *(atónito)* Hã?

Cleonte: *(atrapalhado)* Quer dizer... quero casar com a sua filha.

Senhor Jordão: Antes de lhe dar uma resposta, diga-me uma coisa: o senhor é doutor?

Cleonte: Perante uma pergunta dessas, a maior parte das pessoas responderia facilmente que sim. O título de doutor usa-se hoje sem escrúpulos. Eu acho desonesto e uma impostura enfeitarmo-nos com um título comprado, para nos fazermos passar por aquilo que não somos. Quanto a mim, senhor Jordão, venho de uma família remediada. E, não, não sou doutor.

Senhor Jordão: *(com um sorriso falso)* Dê-me cá a sua mão. A minha filha não é para si.

Cleonte: Como?

Senhor Jordão: A minha filha não é para si.

Senhora Jordão: E nós não descendemos da mesma classe social?

Senhor Jordão: Está calada.

Senhora Jordão: O teu pai, assim como o meu, não era comerciante?

Senhor Jordão: (*enfurecido*) Cala-te. Já disse que eu quero que o meu genro seja doutor.

Senhora Jordão: O que convém à tua filha é um homem honrado, trabalhador e que a estime. (*concluindo*) E, vá lá, que não seja feio.

Nicoleta: Isso é verdade. Eu conheço um, lá na minha aldeia, que é rico e, que exige que toda a gente o trate por doutor. É o homem mais mal-amanhado e que só tem esterco naquela cabeça.

Senhor Jordão: Cala-te tu também. Fortuna, para a minha filha, tenho-a eu. Quero é que ela venha ser doutora. Doutora Lucília. Mulher de um Ministro.

CENA 18

Cleonte: Nunca pensei que para casar com a Lucília tivesse de pertencer ao *Lobby* político.

Covilhete: (*rindo*) Ah! Ah! Ah!

Cleonte: O que é que foi?

Covilhete: Tive uma ideia.

Cleonte: Que ideia?

Covilhete: É mesmo uma boa ideia. Vamos enganar o Senhor Jordão para que ele o aceite como genro.

Cleonte: Como?

Covilhete: Depois conto-lhe.

CENA 19

Dorimena: Não sei o que lhe diga, Dorante. Trazer-me a uma casa onde não conheço ninguém.

Dorante: Que lugar queria então, Dorimena? Se para fugir às más-línguas não podia ser na sua casa nem na minha.

Dorimena: O senhor cansa a minha resistência. Primeiro as serenatas, depois os ramos de flores, a seguir aquele esplêndido fogo-de-artifício aquático. (*falsamente*) Eu opus-me a tudo isso, mas o senhor, sem desanimar, lá foi pouco a pouco destruindo as minhas resoluções. Hoje já não posso responder por mim e, receio que acabe por me decidir ao matrimónio.

Dorante: Dorimena, a senhora é viúva e, só depende de si.

Dorimena: (*falsamente*) As despesas que o senhor faz por minha causa inquietam-me por dois motivos: um, porque me prendem mais do que gostaria; outro porque está a gastar demasiado, que lhe pode fazer falta.

Dorante: Tudo isso são trocos.

Dorimena: Entre outras coisas, o diamante que me (*falsa*) obrigou a aceitar, é caríssimo...

Dorante: Uma ninharia indigna de si, Dorimena.

CENA 20

Senhor Jordão: (*fazendo cortesias*) Um pouco mais para lá, minha senhora.

Dorimena: Como?

Senhor Jordão: Um passo, se faz favor.

Dorimena: Como?

Senhor Jordão: Um pouco mais para lá, para fazer a terceira. Minha senhora, muito grande me é a grande glória de me ver afortunado a pontos de ser tão feliz, que possuo a felicidade que tivésseis a bondade de me concederdes a mercê da vossa presença; e se eu também tivesse o mérito de merecer um mérito como o vosso e, que o céu...

Dorante: Senhor Jordão, esta senhora não gosta de cumprimentos muito longos.

(para ela) É um pobre novo-rico.

Dorimena: Não é difícil de perceber.

Dorante: O senhor Jordão é o melhor dos meus amigos. *(baixo a senhor Jordão)*

Pelo menos tenha cuidado para não lhe falar do diamante que lhe deu.

Senhor Jordão: *(baixo a Dorante)* Nem ao menos perguntar-lhe o que acha do diamante?

Dorante: *(baixo)* O quê? Não. Isso seria muito feio da sua parte. E para proceder como doutor deve fazer de conta que não foi o senhor quem lho ofereceu. *(em voz alta)* Minha senhora, o senhor Jordão diz-me que está encantado por vê-la em sua casa.

Dorimena: O prazer é todo meu.

Dorante: *(baixo a senhor Jordão)* Suei para conseguir trazê-la cá.

Senhor Jordão: *(baixo a Dorante)* Não sei como lhe agradecer.

Dorante: O senhor Jordão está a dizer que a senhora é a mais formosa dama que ele já viu.

Dorimena: Amabilidade a sua, senhor Jordão.

Senhor Jordão: A amabilidade é sua, senhora minha...

Dorante: Vamos jantar!

CENA 20 A

(Entra Sicrano com pratos e copos)

Sicrano: *(atirando os pratos)* Senhor Jordão. Senhor Dr. Dorante. Dorimena.

Dorimena: Dra. Dorimena.

Sicrano: *(olha para o público e encolhe os ombros)*

(Entra Música 5)

Senhor Jordão: Tudo isto é pouco, minha senhora.

Dorante: Concordo com o senhor Jordão. Mas, como fui eu que escolhi e, como não tenho grandes conhecimentos de gastronomia, propus esta refeição simples.

CENA 21

(Dorante vai cantando os pratos. Os convidados, vão entrando e continuam a canção, enquanto um artista de circo, faz malabarismo com arcos. O Senhor Jordão vai tentar, também, fazer malabarismo, mas deixa cair os arcos)

MÚSICA 5 – Licoroso

Dorante: *Licoroso, fino Xerez,*

Senhor Jordão: *Moscatel, limão, canela.*

Coro: *Crocodilo para entremez,
Malaguetas com vitela.*

*Magret de pato na brasa,
Arroz de perdiz no forno.
Maduro tinto da casa,
O branco não se quer morno.*

*Agradável sericaia,
Suave espera marido.
Que o licor não te distraia,
E te espetes ao comprido.*

Dorimena: *(aplaudindo)* Que belas vozes. É adorável.

Senhor Jordão: Mas eu vejo aqui alguém muito mais adorável. Ah! Mas que belas mãos!

Dorimena: As mãos são medíocres, senhor Jordão. O senhor quer é falar do diamante, que é magnífico.

Senhor Jordão: Eu, minha senhora? Isso seria muito feio. E o diamante pouco vale.

Dorimena: O senhor Jordão é um homem encantador.

Senhor Jordão: Se eu pudesse encantar o seu coração...

CENA 22

Senhora Jordão: *(chateada)* Ah! Ah! Então, senhor Jordão, foi por causa desta lindeza, que me despachaste para casa da minha irmã!? É assim que

gastas o dinheiro, em jantares, música e teatro!?

Senhor Jordão: Não fui eu, foi o senhor doutor Dorante.

Senhora Jordão: Está calado. Eu sei o que sei.

Dorante: Ponha uns óculos, senhora Jordão.

Senhora Jordão: Para ver esta palhaçada? Não é bonito o que senhor anda a fazer. E, como é que a senhora doutora vem a minha casa, tolerando que o meu marido esteja apaixonado por si?

(Dorimena sai escandalizada. Dorante vai atrás. A Senhora Jordão sai a seguir)

CENA 23

(Entra Covilhete disfarçado de velho)

Covilhete: Caro senhor Jordão, não sei se me conhece?

Senhor Jordão: Não, senhor.

Covilhete: Eu era um grande amigo do seu falecido pai.

Senhor Jordão: Amigo do meu pai? Então, conheceu-o bem?

Covilhete: Sim, era um homem muito honesto.

Senhor Jordão: O meu pai, um homem muito honesto?

Covilhete: Sim, o seu pai.

Senhor Jordão: E, dizem as más-línguas que ele era um comerciante, que roubava os clientes.

Covilhete: Um ladrão, o seu pai? Isso são calúnias. Não. Ele gostava era de fazer favores e, como entendia muito de tecidos, ia escolhê-los, trazia-os para casa e depois dava-os aos amigos pelo dobro do dinheiro.

Senhor Jordão: (*suspirando*) Ah! Mas, o que o traz cá?

Covilhete: Depois de ter conhecido o seu falecido pai, viajei por todo o mundo. E, faz hoje quatro dias que cheguei de uma longa viagem, onde conheci (*empolando*) o Embaixador Turco.

Senhor Jordão: O Embaixador turco?

Covilhete: Sim, o Embaixador turco, em pessoa. É por isso que estou aqui para lhe dar a notícia de que o filho do Embaixador turco está apaixonado pela sua filha.

Senhor Jordão: O filho do Embaixador turco?

Covilhete: Sim, o filho do Embaixador turco quer ser seu genro.

Senhor Jordão: O filho do Embaixador turco quer ser meu genro?

Covilhete: Sim. E como eu entendo muito bem turco, ele disse-me: “Acciam croc soler ouch alla moustaph gidelum amanahem varahini oussere carbulath”, que quer dizer: “Não viste uma bela rapariga que é filha do senhor Jordão, um ilustre senhor?”

Senhor Jordão: O filho do Embaixador turco disse isso?

Covilhete: Disse. “Ah!” Disse ele, “Marababa sahem”, que quer dizer: “Ah! Como eu gosto dela!”

Senhor Jordão: Nunca imaginei que *Marababa sahem*, quisesse dizer: “Ah! Como eu gosto dela!” Que interessante é a língua turca.

Covilhete: Muito interessante. Sabe o que significa *Cacaracamouchen*?

Senhor Jordão: *Cacaracamouchen*? Não.

Covilhete: Quer dizer: “Alma minha gentil”.

Senhor Jordão: *Cacaracamouchen* quer dizer “Alma minha gentil”?

Covilhete: Sim, senhor. Ele vem aí para lhe pedir a sua filha em casamento

e, para ter um sogro digno dele, quer fazê-lo *mamamouchi*.

Senhor Jordão: *Mamamouchi?*

Covilhete: Sim, *mamamouchi* em português quer dizer diplomata. Diplomatas são aqueles... diplomata, enfim. Não há maior diplomacia no mundo.

Senhor Jordão: *(empolgado)* Já percebi. Que tem um diploma.

Covilhete: *(com um sorriso irónico)* É exatamente isso, senhor Jordão.

Senhor Jordão: O que me preocupa agora é que a minha filha é uma teimosa. Meteu na cabeça um tal Cleonte e jura que não casa com mais ninguém.

Covilhete: Quando ela vir o filho do Embaixador turco muda logo de ideias. É que o filho do Embaixador turco é parecido com esse tal Cleonte. E, o amor que ela sente por um pode passar para o outro. *(chamando para fora, sem que o senhor Jordão se dê conta)* Já o oiço. Ele aí vem.

CENA 24

(Entra Cleonte disfarçado de turco)

Cleonte: *Ambousahim oqui boraf, lordina salamalequi.*

Covilhete: Quer dizer: "Desejo-lhe que tenha todo o ano o coração florido como uma roseira, senhor Jordão".

Senhor Jordão: Sou um humilde servidor de Vossa Excelência turca.

Covilhete: *Carigar camboto oustin moraf.*

Cleonte: *Oustin yoc catamalequi basum base alla moran.*

Covilhete: Ele diz que "o céu lhe dê a força dos leões e a prudência das serpentes".

Senhor Jordão: E eu desejo a Sua Excelência todas as prosperidades.

Covilhete: *Ossa binamen sadoc babally oracaf ouram.*

Cleonte: *Bel-men.*

Covilhete: *(acelerado)* Diz que vá depressa com ele preparar-se para a cerimónia, para ele ir depois ver a sua filha e ultimar o casamento.

Senhor Jordão: Tanta coisa em duas palavras?

Covilhete: A língua turca é assim. Diz muito em poucas palavras. *(convidando a sair)*

Agora vá.

CENA 25

Dorante: *(assusta-se ao ver Covilhete. Grito curto)* Ah!

Covilhete: *(assusta-se com o susto de Dorante. Grito longo)* Ah! senhor Dorante, ajude-nos a pregar uma partida ao senhor Jordão.

Dorante: Ah! És tu Covilhete. Estás muito bem disfarçado.

Covilhete: Foi uma ideia que tive para enganar o senhor Jordão e fazer com que ele dê a mão da filha em casamento ao meu patrão, o senhor Cleonte.

Dorante: Conta-me.

Covilhete: É melhor ver.

CENA 26

(Entram os atores disfarçados de Turcos, com um vaso plástico na cabeça)

Mufti: Como chamara? Como chamara?

Turcos: Giurdina, Giurdina.

Mufti: Giurdina? Giurdina?

Turcos: Giurdina, Giurdina.

Mufti:

Mahameta per Giurdina

Mi pregar sera e mattina:

Voler far un Paladina

De Giurdina, de Giurdina.

Dar turbanta, e dar scarcina,

Con galera e brigantina,

Per deffender Palestina.

Mahameta per Giurdina

(aos turcos) Star bon Turca Giurdina?

CENA 27

MÚSICA 7 – Mufti 2

Mufti: Há la ba, ba la chu, ba la ba, ba la da.

Turcos: Há la ba, ba la chu, ba la ba, ba la da.

Todos:

Ti non star furba? Non star forfanta? Donar turbanta Donar turbanta.

(Os turcos circundam o Senhor Jordão. Na dança, cada um tira o seu vaso da cabeça e enfia-o na cabeça ao senhor Jordão. Este fica, no final com uma torre de vasos na cabeça)

CENA 28

Dorante: Pois é verdade. Vai ver a coisa mais divertida que pode haver. O

senhor Jordão é o homem mais tolo que eu conheço. E também devemos ajudar Cleonte a casar com Lucília.

Dorimena: Também eu me decidi. Resolvi casar consigo o mais depressa possível.

Dorante: Ah, senhora. Será possível?

Dorimena: É só para o impedir de continuar a fazer gastos comigo e, que se arruíne.

Dorante: Tudo o que tenho, assim como o meu coração, é seu.

Dorimena: Aí vem o homem. (*baixo, escarnecendo*) Que figura!

CENA 29

Dorante: (*a senhor Jordão*) Meu senhor, eu e esta senhora vimos prestar homenagem à sua nova dignidade e, felicitá-lo pelo enlace de sua filha com o filho do Embaixador turco.

Senhor Jordão: (*faz uma reverência à turca*) Senhor, desejo-lhe a força das serpentes e a prudência dos leões.

Dorimena: (*exagerando nos maneirismos*) Estimo muito em ser a primeira a vir felicitá-lo pelo alto grau de glória a que está elevado.

Senhor Jordão: Minha senhora, desejo-lhe todo o ano a sua roseira florida. Estou-lhe infinitamente grato de tomar parte nas honras que me foram conferidas e, folgo imenso com que haja voltado a esta casa para lhe apresentar as minhas desculpas pelos exageros da minha mulher.

Dorimena: Não vale a pena falar nisso. O que ela disse é muito natural. O seu coração deve ser-lhe precioso e, não estranha que a posse de um homem como o senhor inspire certos cuidados.

Senhor Jordão: A posse do meu coração é coisa que está inteiramente no poder de Vossa Excelência. (*avança para ela*)

Dorante: Mas, onde está Sua Excelência turca? Desejaríamos, como amigos, prestar-lhe as nossas homenagens.

Senhor Jordão: Ele aí vem. Eu mandei chamar a minha filha para lhe dar a sua mão.

CENA 30

Dorante: *(a Cleonte, disfarçado de turco)* Senhor, vimos cumprimentar Vossa Excelência Turca, na nossa qualidade de amigos do Vosso futuro sogro.

Senhor Jordão: Onde está o velho intérprete? Ele fala turco às mil maravilhas. *(a Cleonte)* *Struf, strif, strof, straf. Este senhore ser grande senhore, grande senhore, grande senhore; et esta senhora ser uma granda Dama, granda Dama. Este senhore ser Mamamouchi português e senhora ser Mamamouchia portuguesa.*

CENA 31

(Entra Covilhete disfarçado de velho)

Senhor Jordão: *(a Covilhete, indicando Cleonte)* Diga-lhe que estes senhores são pessoas da alta sociedade e vêm cumprimentá-lo.

Covilhete: *Alabala crociam acci boram alabamen.*

Cleonte: *Catalequi tubal ourin soter amalouchan.*

Senhor Jordão: *(a Dorante e Dorimena)* Viram?

Covilhete: Diz que uma chuva de prosperidades regue continuamente o jardim da vossa família.

Senhor Jordão: Eu bem lhes disse que ele falava turco.

Senhor Jordão: Anda cá, filha. *(entra Lucília)* Dá a mão a este senhor que vem pedir-te em casamento.

Lucília: A mim?

Senhor Jordão: Sim, a ti. Vamos dá-lhe a mão.

Lucília: Eu não quero casar. **Senhor Jordão:** Mas, quero eu. **Lucília:** Não caso.

Senhor Jordão: Ai, a cantiga. Dá-lhe a mão.

Lucília: Não, pai. Eu só caso com Cleonte. *(reconhecendo Cleonte)* A verdade é que... tu és meu pai... e eu devo obedecer...

Senhor Jordão: Ah! Muito bem. Assim, fico contente.

CENA 32

(Entra a Senhora Jordão)

Senhora Jordão: O que é isto? Para que é toda esta assembleia?

Senhor Jordão: Quero casar a nossa filha com o filho do Embaixador turco.

Senhora Jordão: Com o filho do Embaixador turco?

Senhor Jordão: Sim. Apresenta-lhe os cumprimentos aqui por este intérprete.

Senhora Jordão: Eu não preciso de intérpretes. Eu mesma lho digo na cara, que a nossa filha não é para ele.

Dorante: Minha senhora, a sua filha acede à vontade do pai.

Senhora Jordão: A minha filha consente em casar com um turco?

Dorante: Sem dúvida.

Senhora Jordão: Já esqueceu Cleonte?

Dorante: Para ser uma grande dama, o que é que não se esquece?!

Senhora Jordão: Até a afogava com estas mãos, se ela tivesse consentido.

Lucília: Mamã!

Senhora Jordão: És uma tola, ouviste?

Covilhete: (*à senhora Jordão*) Minha senhora!

Senhora Jordão: O que é que você quer?

Covilhete: Uma palavra.

Senhora Jordão: Não preciso das suas palavras.

Covilhete: Ouça-me, é só o que lhe peço.

Senhora Jordão: Não se canse.

Covilhete: Ouça o que lhe quero dizer e depois fará o que entender.

Senhora Jordão: Diga lá, então.

Covilhete: (*baixo*) Há uma hora que lhe estamos a fazer sinais. A senhora não vê que tudo isto é para nos ajustarmos às manias do seu marido e, que aquele é Cleonte disfarçado de filho do Embaixador turco.

Senhora Jordão: (*baixo*) Ah! Ah!

Covilhete: (*baixo*) E eu, o Covilhete, sou o intérprete.

Senhora Jordão: (*baixo*) Sendo assim, rendo-me.

Covilhete: (*baixo*) Faça como se não nos conhecesse.

Senhora Jordão: (*alto*) Bom, consinto.

Senhor Jordão: Até que enfim. Já todos têm juízo.

Senhora Jordão: Beltrano! Sicrano!

Beltrano e Sicrano: (*entrando*) Sim, patroa?

Senhora Jordão: Manda chamar o Notário.

Beltrano e Sicrano: Sim, patroa. *(saem)*

Dorante: Muito bem dito. E para que a senhora Jordão possa acabar com os ciúmes que tem do seu marido, servir-nos-emos do mesmo Notário, eu e a senhora Dorimena, para nos casarmos.

Senhor Jordão: *(baixo a Dorante)* É para a enganar.

Dorante: *(baixo ao senhor Jordão)* Não há outro remédio.

Senhor Jordão: *(baixo a Dorante)* Muito bem. Muito bem.

Senhora Jordão: E a Nicoleta?

Senhor Jordão: Essa dou-a ao intérprete. E a minha mulher a quem a quiser.

Covilhete: *(disfarçado de intérprete, com uma grande vénia)* Muito obrigado, senhor Doutor Engenheiro Jordão.

EPÍLOGO

Corifeu: As pessoas só são malucas quando são pobres, quando têm dinheiro são excêntricas.

MÚSICA 8 – *Simone e Marco Paulo (Tu e só tu)*

(Entram as várias personagens para dançarem no casamento de: Lucília e Cleonte; Nicoleta e Covilhete; Dorimena e Dorante)

FINAL

(Os atores trazem na mão flutes com espumante. O ator que interpretou o Senhor Jordão, em vez de flute, traz na mão, a garrafa)

MÚSICA 9 – *Beber, meus amigos***Atores:**

*Bens, fortuna e glória,
São o eterno chamariz,
Duma vida ilusória,
Quero beber e ser feliz.*

*Quer de noite, quer de dia,
Aos tolos a sua razão:
A nossa filosofia,
É de copo cheio na mão.*

*Beber, meus amigos, beber,
Enquanto estivermos juntos,
Que o tempo passa a correr,
Antes de sermos defuntos.*

*Quer de noite, quer de dia,
Aos tolos a sua razão:
A nossa filosofia,
É de copo cheio na mão. (bis)*

FIM